

## LES ENTRAILLES

Kelly Araujo Zebendo



Young girl eating a bird (The pleasure), 1927, René Magritte — O ouvido entra nas entr... Não: o som que entra nos ouvidos mastiga as entranhas. É isso doutor Xavier. O som que entra nos ouvidos mastiga as entranhas. Era isso que eu tentava lembrar. Mastiga, mastigadinho, devagar, rápido, depende do dia, hoje tá devagar demais, doutor. Não: nas entranhas o som que entra nos ouvidos mastiga... mastiga... mastiga o quê? As entranhas têm partido? Porque eu não sei mas acho que suas entranhas são suas entranhas e não as minhas entranhas porque as minhas são minhas. As minhas são minhas só. As minhas são só minhas, graças a Deus. Na verdade na verdade mesmo as entranhas estão na barriga mas eu acho que tem no corpo todo. Tudo que entra passa pelas entranhas doutor. Tudo tudo tudo, pode acreditar. Por isso o som que entra nos ouvidos mastiga as entranhas. Por isso que sinto minhas entranhas, não havia pensado nisso em casa sozinho, é verdade...

Deu uma pausa, olhou para a janela do consultório e voltou a observar as próprias mãos, as quais já observava há um tempo, numa tentativa verdadeira de explicação, sem coragem de desviar o olhar para o médico e entregar-lhe um mundo de veracidade numa reflexão que o tomara dias.

—E onde ficam as entranhas, Carlos?

Perguntou o psiquiatra, depois de alguns segundos, pensativo e sereno.

—Eu não sei onde ficam as entranhas, doutor. Tão dizendo que já sabem da cura do câncer, já devem saber onde ficam as entranhas. Mas não conseguem chegar lá não doutor, nem com cirurgia. Quer dizer... Sei que tenho várias, fora as da barriga; o senhor as tem?

—E se o som mastiga suas entranhas, por que parou de ouvir Albinoni?

—Albinoni às vezes mastiga demais. O senhor as tem? Música clássica entra demais doutor, ainda mais se for barroca. As entranhas cansaram, pelo menos por enquanto. Preciso do novo. Já dizia Clarice: o novo it. É o it doutor. O senhor já leu *Água viva*? Mas ainda sou amante de Albinoni. "*Qu'est-ce que tu vas faire ce weekend?*" me mandaram uma mensagem assim no trabalho doutor, colaram na minha mesa, num bilhete amarelo, uma espécie de post-it, foi aquela mulher lá do serviço, a Olga, veio de Pontoise, bem próximo de Paris, ela não sabe falar português direito, tô todo sem jeito. Enfim, olha, sobre as entranhas, uma vez agradando-as, elas sempre se alegrarão com o reencontro. Só não preciso dá-las algo sempre em excesso, ao mesmo tempo que gosto de excessos. É um eterno vai e vem doutor. Vai que elas apodrecem. Mas ouço os opus do Albinoni sempre. Quando as entranhas cansam eu mudo de obra. De artista. De paisagem, de livros, de roupa, até de comida. As entranhas funcionam juntas, alguns conjuntos são mais harmoniosos que outros. Nenhum conjunto meu se agrada com excesso de Albinoni. Por isso quis jogar todos os opus no lixo. Entendeu, doutor? Se bem que podia ter doado. As pessoas ainda ouvem Albinoni? Diga-me, doutor, o senhor as tem?

—O quê?

—As entranhas.

—Creio que tenho, Carlos. Pelo que me parece, todos temos entranhas, não?

—Certo, doutor. Todos temos. Mas não me refiro às da barriga.

—Ainda me pergunto sobre o significado delas para você, ou sobre como lida com as suas.

—Não é questão de lidar, doutor. E é claro que o senhor as tem. Não tem como lidar com elas se elas estão em nós. O buraco é mais embaixo, lá no fundo mesmo. Vou te explicar: eu pesquisei um pouco. Na ciência, as entranhas são os órgãos que temos na barriga. A parte nojenta da coisa. Sabia que desmaio quando vejo sangue?

—É mesmo? Mas...

—Olha, isso que digo é objetivo e científico. As entranhas são essa mistura toda de coisas cheias de sangue que ficam na barriga da gente. Então todo mundo tem entranhas se todos temos barriga. Alguns mais, outro menos. Acho que nunca vi alguém sem barriga. Se bem que tem um filme... O senhor já assistiu *Os 120 dias de Sodoma* do Pasolini? O senhor gosta do cinema italiano doutor? Ah... o Pasolini...

—Me conte mais sobre as entranhas, Carlos. O tempo está acabando e é importante finalizarmos a consulta com algum aprendizado mais claro e concreto de ideias, ainda mais se isso esteve tão forte em seus pensamentos nessa última semana. Olha, me sinto verdadeiramente curioso agora, e creio que nessas últimas sessões nós rodeamos muito, concluímos pouco, sei que você é capaz de chegar a algum lugar, hum, digamos... mais esclarecedor, quem sabe?

Afirmou o psiquiatra, esperançoso pelas palavras do paciente, após olhar ligeiramente o relógio que aos poucos apontava o passar do tempo na parede.—Pois bem, me desculpe. Então, as entranhas têm vários significados. Já falei do da barriga. Bom, isso é a parte científica da coisa. Eis o *jump the cat*, o detalhe de ouro: se as entranhas da barriga são os órgãos dentro dela, as entranhas são partes de um sistema. Mas se estão em mim, em mim todo, são tudo aquilo que me compõe. Minhas entranhas são minha parte científica que pecam na cientificidade se não sei lhe dizer exatamente onde estão, ao mesmo tempo que sei e ao mesmo tempo que sinto. É nossa parte do fundo, doutor, que filtra aquilo que se recebe, que sofre as tristezas, que se alegra, que se cansa, que sente fome, que se enraivece. É tudo. É o it doutor. Mas é o it sistematizado, entende? É o it sistematizado e profundo. O senhor já leu *Água viva* da Clarice? Pensando bem, vou ouvir os opus de

novo, agora senti saudade de Albinoni, quem sabe trago na próxima consulta, deixaria o ar mais leve. Vai que suas entranhas também se agradam. O senhor gosta de música clássica, doutor?

—Traga sim. Se agradar muito poderia deixar aqui, para ouvir sempre que sentir vontade.

—Eu até dou para o senhor. Quer dizer, em caso de agradar-lhe as entranhas, é claro. Por último, não quero exceder muito o tempo mas recebi o bilhete da mulher de Pontoise, como falei, “*Qu’est-ce que tu vas faire ce weekend?*”. A encontrei no corredor, disse para irmos a uma exposição no sábado doutor, do Oiticica, ela me olhou nervosa, não sabia quem era o Oiticica, mas como não sabia?, perdi um pouco o tesão, disse que precisava ir pois a semana havia me consumido tanto que havia tempo que não fazia nada por opção própria, isto é, que não via um filme que quero assistir, ia a um restaurante, bom... disse que estava num estado de *pisser dans un violon*, mas ela tocava violino de verdade, doutor, nunca mais uso essa expressão perto dela. O senhor fala francês?

—Je parle un petit peu, comme toi.

—On y va, doutor, não gosto de traduções, ainda mais para uma palavra tão pesada por carregar tudo isso que falei para o senhor, mas não vou agir como detentor da Língua Portuguesa e de suas significações e por enquanto vou chamar de *entrailles*. A verdade é que ela sugeriu outro programa, eu não queria ir e disse que estava com *les entrailles* doentes e realmente há dias tenho tido azia. Mas não disse que estavam doentes só as da barriga. As outras entranhas vão muito bem, obrigado, ela que não me perguntou, de nada tenho culpa.

Disse o paciente, se levantando para pegar o casaco pendurado perto da porta, enquanto o psiquiatra olhava para o chão, agudo e ansioso, tendo naquele momento se dado conta de suas entranhas, não só as da barriga, refletindo sobre quantas vezes enganara a si mesmo sem saber interpretá-las ou como tratá-las individualmente, “enganação”, pensou, pois na arte da auto-sabotagem todo o conhecimento da psiquiatria não lhe acrescentava ao passo que insistia em se iludir sozinho, e entendeu que suas entranhas que decidiam tudo, sua realidade e impulsos eram comandados pelas *entrailles* e não queria mais idealizar o mundo real se sonhando tanto se enganava,

“bendito Nietzsche que há todo esse tempo estava certo”, pensou. Tinha mesmo era que ouvir suas entranhas, desde a profunda saudade do famoso *british tea* especialmente do *Pret a Manger* que tomava quando morava em *Northfields*, em *Ealing*, na zona 3 de Londres, até os momentos de fúria nas brigas que tinha com a esposa, deveria permitir senti-las e não ignorá-las, como estava acostumado a fazer, e mesmo que tentasse outros caminhos, a realidade era outra, as entranhas que davam o veredito, “chega de fugir do que se é e do que se sente”, pensou ele, precisava aprender a agradá-las enfim, não todas, mas boa parte, e pensou em como fazê-lo.

—Traga o Albinoni na próxima consulta.

“46 anos”, pensou. Depois de 46 anos sem se dar conta de suas entranhas, por fim, as achou—e estava consideravelmente ansioso para conhecê-las como nunca.